

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Correio Brasileiro*

Class.: 83

Data: 27 de Novembro de 1987

Pg.: _____



CALHA NORTE/

Índio

Os índios da fronteira Norte estão preocupados com os rumos da Constituinte, da Funai e do Projeto Calha Norte

Em defesa da terra na fronteira e pau na Funai

ARMANDO BULCÃO
Da Editoria de Cultura

Se a Constituinte não eliminá-los antes, ou os índios liquidam com a Funai ou a Funai acaba com os índios. Pode soar forte, mas relata o espírito da conversa com os representantes da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro — FOIRN — e com o capitão geral dos Ticunas, Pedro Inácio Pinheiro. Eles fazem parte da comissão enviada a Brasília por decisão das 21 Nações Indígenas da Fronteira, reunidas em Manaus no dia 16, 17 e 18 deste mês. O principal assunto, o projeto Calha Norte, mas também o projeto aprovado pela comissão de Sistematização, e claro, a ação da Funai na região. Uma selva de papéis, na qual eles se defendem como podem — por enquanto, apenas com mais papel e tentativas — até agora fracassadas — de negociação com os brancos. Internamente, procuram se organizar.

Na agenda (tirada no encontro e constante do documento aprovado) o atual presidente da Funai, o Procurador-Geral da República Sepúlveda Pertence e até mesmo o general Bayma Dennis — uma espécie de mentor intelectual do Calha Norte. Na Funai os índios não foram sequer recebidos pelo presidente Romero Jucá, mas conversaram com alguns dos muitos índios que trabalham no órgão. A conversa foi resumida numa frase simples do capitão dos Ticunas: eles dizem uma coisa, mas o coração fala outra.

A reivindicação básica do encontro pode ser resumida também numa frase simples mas que é assunto de segurança nacional: os índios querem a demarcação de suas terras. Na região da fronteira, eles já começam a sofrer os efeitos do Calha Norte, que pretende, em poucas palavras, levar o que o projeto chama de "segurança" — quartéis, aeroportos, vilas militares, barcos, redes de rádio, postos — e de "desenvolvimento" — estradas, barragens, pólos industriais, mineração, agroindústria, colonização.

De demarcação de terra não se fala, muito pelo contrário. Os índios denunciam a secular relutância dos brancos em demarcar as terras e dizem a quem isto interessa: a todos, menos ao índio. As mineradoras — as áreas são ricas em minérios, inclusive ouro — às madeiras — que aproveitam-se da indefinição para continuar a invasão predatória — e à própria Funai, que faz vista grossa a toda esta ação — facilitada por funcionários corruptos, conforme afirma o documento.

A estratégia é cada vez mais sofisticada, mas não foge à tradição de Cabral, que começou pelos presentes e bugingangas, antes de meter pólvora e chumbo grosso. A última, também do Cabral (só que do Bernardo, relator da Constituinte) está contida no artigo 246 do projeto aprovado pela Comissão de Sistematização, que suprimiu as contribuições indígenas à nova carta, — os índios foram colocados na última das últimas subcomissões — e criou a figura dos

"índios com elevado estágio de aculturação", que não possuem, por essa condição, muito mais nenhum direito como índio, quase que corroborando a novíssima instituição — criada por Sarney — das colônias indígenas (nos 150 km de fronteira não podem ser demarcadas áreas indígenas mas colônias, definidas também pela aculturação dos índios).

Na Carta Aberta aos Constituintes tirada do encontro, eles questionaram os critérios que serão usados para definir o termo "elevado estágio de aculturação". Na conversa, com os 4 representantes indígenas, foi lembrada a sua semelhança com o conceito anterior de "índio emancipado": o que se pretende na verdade é emancipar a terra. O mesmo significado possui os critérios de indigenidade, formulados por antropólogos ligados à Funai — como medir, de 0 a 100, se um índio é ou não é índio?

Nem calção, nem roupa, afirmam, podem ser considerados como indícios de aculturação. "Eu só vou deixar de ser índio quando eu morrer" diz sorrindo o capitão Ticuna. "Se eu não soubesse contar minha história" questiona Gerseni José de Souza, da nação Baniba, 1º secretário do FOIRN que fala português fluente, e se veste como o branco. "A política desarticula as organizações indígenas" afirma Pedro Garcia, da nação Tariano, 2º secretário. "Organizados, duvido que eles vão querer entrar em nossa região" desafia Orlando Melgueiro, da nação Baré, presidente da Federação.

A chegada dos militares à área já é sentida — os soldados denunciam, trazem consigo também as doenças, a prostituição e é claro, poucos os remédios. Fortalecem a posição das grandes companhias mineradoras e madeiras — protegem e ajudam os invasores. Temem a ação de seitas protestantes que realizam o mesmo papel do Calha Norte e da Funai na área — um instrumento de dominação e divisão da comunidade indígena — esta, aliás, a principal preocupação das lideranças: a troca de muitas promessas, a cooptação dos índios.

No documento, o alerta: ficar de olho aberto quanto aos projetos e às tentativas de divisão. Desconfiar de muitas promessas e para qualquer decisão, a discussão é deliberada conjunta com a comunidade. O governo e outras pessoas — criticam ironicamente — dizem que o índio é atrasado, tem pouca gente, não produz, tem muita terra, tem muito minério". Eles não concordam: querem a demarcação de terra, e não o dinheiro "que só engana o índio, acaba, fica com poucos e não melhora suas vidas. "Querem escola indígena, "pois a escola branca acaba com a nossa cultura. "A Funai não defende mais o índio, nem a nossa terra, nós mesmos (a comunidade) temos que defendê-la" propõem. E garantem: não vão ficar a assistir as caravelas do novo Cabral. Mesmo reconhecendo sua inferioridade em forças e armas, lutarão por todos os meios pelo seu direito: muito antes de qualquer Cabral, todo o dia era dia de índio, no Brasil.

"Tem índio que não tem cabeça de índio"

Pedro Inácio Pinheiro, capitão geral dos Ticunas, define com simplicidade quem é e quem não é índio: "Tem que ver se aquele índio tem cabeça de índio". Aculturados, todos aqueles que já mantiveram contato com o branco, em certa medida o são, e não é por ser índio que necessariamente o índio defenderá os interesses indígenas. Na Moção de Protesto os líderes indígenas das 21 nações fizeram questão de denunciar a campanha do Calha Norte, divulgada pelos canais de televisão, bem como o índio que aparece na propaganda.

Carlos Fernandes Machado está sendo comprado pela Funai e pelo projeto Calha Norte — denuncia — na tentativa de conquistar os índios e esclarecer a opinião pública. Carlos, afirmam — não possui residência fixa, mas vive de

"turismo", há anos fora de sua comunidade, com longas estadas pelo Rio de Janeiro. Embora pareça falar em nome dos índios, ele é repudiado até por sua própria família. "Nem na casa dele Carlos é recebido", afirmam.

De modo semelhante, a Funai, dizem, manipula os índios. A instituição — que possui índios nos seus quadros — arregimenta comissões sem representatividade e ao faz passar como sendo de legítimos representantes dos interesses indígenas, ao mesmo tempo em que não se posiciona quanto à invasão de terras indígenas pelos mineiros, posseiros e madeireiros. Neste ritmo, duvidam que daqui a 20 anos ainda existirão índios no Brasil. Todas as táticas levam à mesma estratégia: o extermínio. (A.B.)